

A infantilização do ensino na Educação de Jovens e Adultos: Uma análise no município de Presidente Prudente/SP.

Matheus Augusto Mendes Amparo¹

RESUMO

A infantilização do ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) corresponde ao ato de um professor que esteja trabalhando nesta modalidade, trazer para a sala de aula atividades que não condizem com o perfil dos educandos da EJA, ou seja, atividades que são idênticas às transmitidas para crianças da educação infantil e ensino fundamental. Mas não somente isto, a própria postura que o professor possui perante os jovens, adultos e idosos da EJA, é semelhante à postura que os professores possuem com as crianças. Diante disto, este artigo pretende fazer uma análise sobre as consequências da infantilização do ensino na EJA a partir de observações feitas em salas do 1º e 2º segmento da rede municipal de Presidente Prudente/SP, proporcionadas por meio da experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de iniciação à docência (PIBID).

Palavras-chave: Infantilização; Educação de Jovens e Adultos; Pedagogia de Paulo Freire.

RESUMEN

La infantilización de la enseñanza en la educación de adultos (EJA) es el acto de un profesor que trabaja en este modo, poner en las actividades de aula que no coinciden con el perfil de los estudiantes de Educación de adultos y jóvenes, es decir, actividades que son idénticos a los que se dan a los niños de jardín de infantes y escuela primaria. Pero no sólo esto, la postura que ha dado el profesor jóvenes, adultos y ancianos de la EJA, es similar a la postura que los maestros tienen a los niños. Antes de esto, este artículo hará un análisis de las consecuencias de la infantilización de la enseñanza de adultos y de observaciones en las habitaciones del primer y segundo segmento de

¹ Graduando em Pedagogia da UNESP/FCT de Presidente Prudente - SP. E-mail: matheus_mendes17@hotmail.com

la red municipal de Presidente Prudente/SP, ofrecido a través de la experiencia como un estudioso de la introducción de programa de beca institucional a la enseñanza (PIBID).

Palabras clave: Infantilización; Educación de jóvenes y adultos; Pedagogía de Paulo Freire.

Introdução

Este artigo pretende fazer uma análise sobre as consequências da infantilização do ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir de observações feitas em salas do 1º e 2º segmento da rede municipal de Presidente Prudente/SP, proporcionadas por meio da experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de iniciação à docência (PIBID).

O PIBID oferece bolsas financiadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), estando vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Popular (GEPEP) na Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP em Presidente Prudente/SP. O PIBID tem como objetivo incentivar os alunos de cursos de licenciatura a iniciar à docência por meio de estágios em instituições públicas de ensino, para que assim, antecipe-se a relação entre futuros professores com as salas de aulas.

Assim, de agosto de 2010 até novembro de 2012, pude acompanhar 3 salas de EJA, vivenciando de perto os problemas e as dificuldades. Por meio das reuniões do grupo GEPEP foi possível desenvolver consciência crítica sobre esta modalidade de ensino. Sendo assim, muitos questionamentos surgiram, dentre eles, sobre esta prática infantilizadora existente por parte das professoras. Com isso, foram coletados diversos materiais como textos, atividades e relato de observações para que esta discussão pudesse ser realizada.

Iniciaremos então este artigo com a conceitualização do que é a EJA, através da definição contida em documentos relevantes no cenário desta modalidade. Em seguida, discutiremos a questão da infantilização do ensino na EJA, juntamente com a análise de observações e de atividades realizadas nas salas em que eu tive oportunidade de acompanhar por este período. Por fim, iremos sugerir propostas de melhoria pautadas nos ideais de Paulo Freire visando à formação de um educador comprometido com o ensino de jovens, adultos e idosos.

A educação de jovens e adultos – Conceitualização e histórico

A Educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino, amparada por lei, sendo destinada para pessoas de todas as raças, sexo e idade que por um ou vários motivos não tiveram acesso à educação no período de escolarização. Tem por objetivo possibilitar que estes indivíduos desenvolvam suas habilidades e elevem seus conhecimentos para que possam se satisfazer e participar ativamente da sociedade. (Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos, V CONFINTEA, UNESCO, 1997).

Segundo Oliveira (1999), esses indivíduos sofrem bastante preconceito e injustiça, sendo rotulados de ‘burros’ em razão de não serem alfabetizados ou não escolarizados, fazendo-os com que tenham um sentimento de inferioridade, incompetência e baixa autoestima perante os alfabetos e escolarizados.

Na V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (CONFINTEA), (1997) é dada uma ampla definição sobre o que é a educação de jovens e adultos, a quem se destina, qual seus propósitos e seu papel social, assim sendo, a Educação de Jovens e adultos:

‘...é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de ser um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. A educação de adultos pode modelar a identidade do cidadão e dar um significado à sua vida. A educação ao longo da vida implica repensar o conteúdo que reflita certos fatores, como idade, igualdade entre os sexos, necessidades especiais, idioma, cultura e disparidades econômicas.’ (art. II, 2 da Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos)

Desta maneira, é preciso garantir educação para todos os jovens e adultos não alfabetizados ou escolarizados, através de uma prática pedagógica fundamentada em princípios ético-políticos de valorização da pessoa humana, de suas experiências de vida e cultural, já que todos possuem direito a educação, pois é através do ensino que estes indivíduos poderão ser reconhecidos na sociedade e deixarem de ser excluídos, possibilitando a formação e o desenvolvimento dos educandos como seres humanos e cidadãos.

Todavia, a situação atual deixa muito a desejar, certamente por que a trajetória da EJA ao longo da história é marcada por muitas dificuldades, lutas, alguns avanços mais muitos retrocessos. Tudo isto, em razão da falta de políticas públicas específicas para esta modalidade e de ações e programas que realmente façam a diferença, já que embora tenha havido diversas

campanhas em prol da alfabetização e escolarização de adultos, o número de analfabetos continua na casa dos milhões (TAMAROZZI E COSTA, 2009).

Sobre o histórico da EJA nos últimos 70 anos, os seguintes autores dizem que:

No Brasil, a educação de adultos se constitui como tema de política educacional sobretudo a partir dos anos 40. A menção à necessidade de oferecer educação aos adultos já aparecia em textos normativos anteriores, como na pouca duradoura Constituição de 1934, mas é na década seguinte que começaria a tomar corpo, em iniciativas concretas, a preocupação de oferecer os benefícios da escolarização a amplas camadas da população até então excluídas da escola. (DI PIERRO, JOIA E RIBEIRO, 2001:59).

Na década de 60 e 70, surgiu a pedagogia de Paulo Freire, que é referência até hoje sobre a metodologia que deve ser usada pelos educadores de EJA. Porém, com o regime militar, Freire foi exilado e seu método ficou esquecido por muitos anos. Mesmo hoje, é difícil encontrar professores que o utilizam, o que é uma pena, já que este método, como veremos mais adiante no artigo, é o mais indicado para que haja resultados satisfatórios na EJA. Já o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) ganhou força na década de 70. O programa foi baseado na pedagogia de Paulo Freire, porém, na prática, diferiu muito do que realmente é sua pedagogia. Durante mais de 10 anos de programa, os resultados não foram muito satisfatórios, fazendo com que em 1985 tenha deixado de existir. Para o seu lugar, foi criada a Fundação Educar, entretanto, também não durou muito tempo, sendo extinta pelo então Presidente Fernando Collor em 1990, que nada criou para seu lugar. Assim, somente em 1997 no governo de Fernando Henrique Cardoso é que foi criado o Programa Alfabetização Solidária. E mais recente, em 2003 já com Lula como presidente, foi criado o Programa Brasil Alfabetizado (TAMAROZZI E COSTA, 2009).

Um marco importante na história recente da EJA é a sua classificação como modalidade básica de educação e a reafirmação do seu direito pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 – LDBEN/96:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1.º Os sistemas de ensino assegurarão gratuidade aos jovens e aos adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante recursos e exames. (BRASIL, 1996)

A V CONFINTEA que gerou a Declaração de Hamburgo, também foi um marco para um maior reconhecimento da EJA e de suas necessidades, juntamente com sua edição mais recente, a VI Conferência de Educação de Adultos, realizada no Brasil que também gerou um importante documento chamado de Marco de Ação de Belém, ambas organizadas pela UNESCO.

Sendo assim, é possível perceber que nas últimas décadas houve alguns avanços na área da EJA, no entanto, a situação atualmente ainda é preocupante, pois muito destes programas e destes documentos somente permanecem no papel. É necessário haver ações mais efetivas em prol da concretização de tais preceitos para que a EJA realmente seja encarada como um dever público e social e evoque mudanças significativas a fim de provocar uma maior escolarização de todos estes indivíduos que a procuram.

A infantilização na EJA: Análise das observações e das atividades coletadas entre agosto de 2010 e novembro de 2012.

A infantilização aqui entendida é o ato de um professor que esteja trabalhando na modalidade de Educação de Jovens e adultos, trazer para a sala de aula atividades que não condizem com o perfil dos educandos da EJA, ou seja, atividades que são idênticas às transmitidas para crianças da educação infantil e ensino fundamental. Mas não somente isto, a própria postura que o professor possui perante os jovens, adultos e idosos da EJA, é semelhante à postura que os professores possuem com as crianças.

Durante 2 anos e meio como bolsista PIBID, pude presenciar a prática de 3 professoras em 3 salas de EJA no município de Presidente Prudente. Neste período, foi notória a falta de preparo e de comprometimento das educadoras perante o ensino na EJA. É preciso destacar que esta modalidade de ensino em Presidente Prudente/SP é apenas uma carga suplementar, em razão disto, muitas professoras acabam escolhendo a EJA para aumentar o seu salário. Assim, quem acaba sofrendo é a turma, que fica diante de um profissional que geralmente não tem nenhuma ou pouca identificação com esta modalidade de ensino e que lecionam de forma muito semelhante ao jeito que ensinam para as crianças no outro período do dia.

Com relação a isto, Di Pierro (2005) aponta que:

[...] o paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas, de tempo e espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especificidades desse grupo sócio-cultural. Ao dirigir o olhar para a falta de experiência e conhecimento escolar dos jovens e adultos, a concepção compensatória nutre visões preconceituosas que subestimam os alunos, dificulta que os professores valorizem a cultura popular e reconheçam os conhecimentos adquiridos pelos educandos no convívio social e no trabalho. (DI PIERRO, 2005:1118).

E é exatamente isso que vemos nestas salas: um educador com uma prática padronizada e infantilizada. E é notável que isto têm provocado a evasão existente nas salas, já que presenciei ao início de um ano, uma sala com mais de 30 alunos, que ao fim do ano, possuía menos de 15 estudantes. E infelizmente, os diretores, coordenadores e dirigentes, não percebem que a causa da evasão é justamente a prática errônea destes professores.

A seguir, o exemplo e análise de algumas atividades coletas entre agosto de 2010 e novembro de 2012 que evidenciam esta infantilização do ensino na EJA em salas de 1º e 2º segmento:

Sala A1 - Terça-Feira, 24 de Agosto de 2010 - Leitura Compartilhada: Os gnomos e o sapateiro:

Língua Portuguesa

Os gnomos e o sapateiro

Era uma vez um sapateiro tão pobre, mas tão pobre que só lhe restava couro para um único par de sapatos. Certa noite, quando ia começar a fazê-lo, sentiu-se cansado. Apenas recortou uma tira de couro e deixou para terminar o serviço no dia seguinte.

De manhã, quando voltou para a mesa de sua oficina, encontrou o par de sapatos prontinho. Apanhou cada um dos sapatos e examinou-os, tentando descobrir quem os havia confeccionado, mas não conseguiu: era um verdadeiro mistério. Intrigava-o ainda mais o fato de que aquele par de sapatos era o mais perfeito que ele já tinha visto.

O sapateiro ainda estava parado, pensando, com o par de sapatos na mão, quando um freguês entrou na sua oficina. O homem apaixonou-se pelos sapatos e fez questão de comprá-los imediatamente. Peter, o sapateiro, não desejava vendê-los; queria primeiro descobrir como haviam aparecido em sua mesa. Mas o freguês lhe ofereceu tanto dinheiro pelos sapatos que ele terminou concordando em vendê-los.

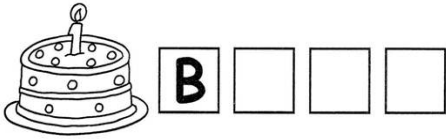


Em seguida, a professora fez perguntas óbvias sobre o texto, não dando a chance de perguntar de forma que desperte a reflexão e o pensamento.

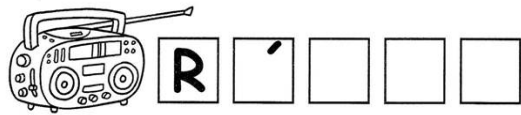
Sala A1 - Quinta-Feira, 14 de Outubro de 2010: Atividades de Alfabetização:

ESCREVA OS NOMES

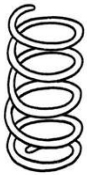
Faça uma linha ligando cada figura à LETRA INICIAL do seu nome. Depois pinte cada figura.



B □ □ □



R □ □ □ □



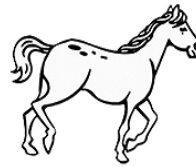
M □ □ □



A □ □ □



C



P



B

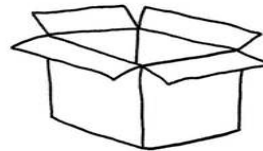


©Copyright 1997 - 2008 - <http://www.sitededicas.com.br>

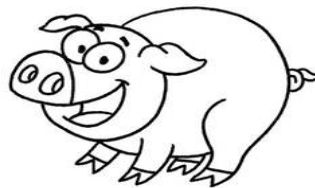
LIGUE-LIGUE

LIGUE O NOME A CADA DESENHO.

TELEFONE



ÓCULOS



CAIXA



PORCO



Sala A2 – Terça-Feira, 10 de Maio de 2011 – Leitura e Interpretação:

O leão e o javali Fábula de Esopo

Num dia muito quente, um leão e um javali chegaram juntos a um poço. Estavam com muita sede e começaram a discutir para ver quem beberia primeiro. Nenhum cedia a vez ao outro. Já iam atracar-se para brigar, quando o leão olhou para cima e viu vários urubus voando.

— Olhe lá! — disse o leão. — Aqueles urubus estão com fome e esperam para ver qual de nós dois será derrotado.

— Então, é melhor fazermos as pazes — respondeu o javali. — Prefiro ser meu amigo a ser comida de urubus.

Diante de um perigo maior, é melhor esquecer as pequenas rivalidades.

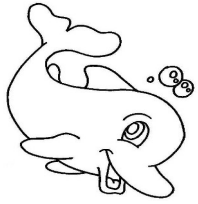


Espaço Educar

Sala A3 – Quinta-Feira, 11 de Agosto de 2011 – Interpretação de Texto:

Você sabe o que é um golfinho?

Os golfinhos são mamíferos encontrados em todos os oceanos do mundo e em alguns rios.



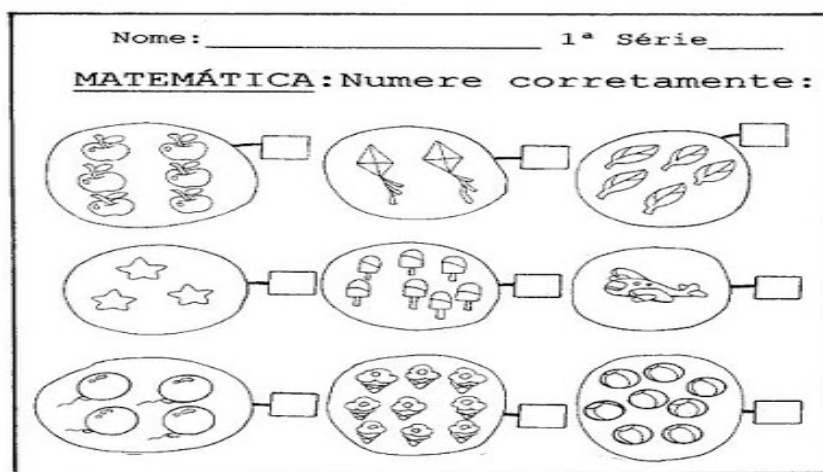
desenhogolfinho.blogspot.com.br

GOLFINHO LEVA TURISTAS À PRAIA EM CARAGUÁ:

Um golfinho nariz-de-garrafa é uma das atrações do verão em Caraguatatuba. O golfinho, que recebeu o apelido de ‘Tião’, mede 2,60m e tem 200kg, tem levado dezenas de turistas às praias Martin de Sá e prainha diariamente. Ele é macho cinza e tem cerca de 15 anos. O assédio dos turistas fez o Ibama criar um plantão nas duas praias para evitar que os banhistas perturbem o animal.

- 1) Qual é o nome do golfinho?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) O que são os golfinhos?

Sala A3 – Segunda-Feira, 9 de Abril de 2012 – Atividade de matemática:



Como podemos ver, todas estas atividades realmente são voltadas para crianças, pois contém desenhos infantis de bichinhos, e perguntas simples de se responder, não considerando que o adulto já possui uma bagagem de conhecimentos construídos ao longo de sua vida e que esta deve ser respeitada e valorizada. Todavia, para as professoras, parece ser cômodo trazer as mesmas atividades que utilizam em seu outro período de trabalho na Educação Infantil e Fundamental, do que pensar e elaborar um material específico para a EJA.

Além destas atividades, o tratamento do professor com os estudantes também lembra a forma como é tratada as crianças, ou seja, com palavras no diminutivo, com os mesmos procedimentos que são utilizados na Educação Infantil e Ensino Fundamental, como a cobrança excessiva por resultados, por faltas e passando diariamente lições de casa.

Oliveira (2007) aponta em relação a isto que o currículo e a atuação dos professores realmente não consideram a idade dos educandos e suas dificuldades, não tendo uma organização própria destinada a todas as peculiaridades existentes na EJA. Ora, é necessário haver uma

diferenciação da EJA para as outras modalidades, como já dissemos, a EJA é formada por jovens, adultos e idosos, cada um com seus interesses e suas dificuldades de aprendizagem. Eles procuram a educação por que realmente querem aprender, mas não precisam ser cobrados e tratados como acontece com as crianças.

A autora ainda salienta, dizendo:

(...) Porém, me pergunto qual é a possibilidade real que tem um adulto, sem hábitos de lidar com atividades organizadas do modo como o são as escolares e que, na maior parte das vezes, trabalha o dia inteiro, de fazer sozinho o dever de casa. Mais ainda, pergunto-me qual é a função do dever de casa nessas circunstâncias, considerando o fato de que a criação da disciplina no estudo, importante como formação geral das crianças, não se aplica a este público e que a própria idéia de fixação de conteúdos pressupõe uma concepção de aprendizagem inadequada aos objetivos da escolarização de jovens e adultos? (OLIVEIRA, 2007:89)

Desta forma, é necessário uma mudança urgente na prática destas docentes, pois a evasão continua a acontecer todos os anos, desestimulando assim estas pessoas que entram com tanta expectativa na EJA mas saem extremamente frustradas. No próximo tópico, veremos de que forma o educador pode e deve se comportar perante uma sala de EJA para que haja uma real significância na formação destes educandos.

A formação do educador da EJA sob a ótica de Paulo Freire

Vimos anteriormente que a EJA é uma modalidade de ensino bastante heterogênea, pois possui desde jovens até idosos. Com relação aos seus interesses, também é bastante diversificado. Em conversas ao longo de mais de 2 anos com os educandos, os interesses relatos por eles se referem à obtenção do diploma, para aprender a ler a bíblia, para poder ajudar os filhos na escola, para ter uma atividade, para lembrar, entre outros. Outra situação é em relação à própria personalidade destas pessoas, que geralmente são humildes, batalhadoras, carentes, sensíveis e já sofreram muito durante suas vidas e a expectativa que eles possuem ao entrar na EJA é diferente do retorno que o educador transmite, no caso destas salas analisadas.

Sendo assim, tomamos a pedagogia de Freire (1996, 1987, 1982) como eixo condutor para a formação de educadores para a EJA que aqui se defende, visando uma prática condizente com as especificidades e necessidades dos indivíduos que fazem parte. Além disso, nos pautaremos também nos estudos e experiências de Furlanetti (2009) que há vários anos esta a frente de projetos relacionados à EJA.

Voltando aos interesses das pessoas que procuram a EJA, Furlanetti (2009) afirma que:

[...] as necessidades de se aprender a ler e a escrever inicialmente dos nossos educandos estão situadas dentro das necessidades mais imediatas, do uso mais prático do conhecimento, que sua condição de leitor e escritor lhe permite. Entretanto, não podemos pensar que isso bastará para que nossos educandos sejam leitores e escritores, se faz necessário desenvolver atividades que desenvolvam as suas habilidades de leitores e escritores para que sejam desafiados a buscar informações para melhor compreensão do mundo. (FURLANETTI, 2009:22)

Assim, a autora defende uma prática pedagógica que valorize o conhecimento que cada educando já possui ao ingressar na EJA, ou seja, toda sua vivência em sociedade é considerada pelo educador. Isto acontecerá por meio de um diagnóstico feito pelo professor para levantar as hipóteses da escrita e do alfabetismo, ao mesmo tempo em que conhecerá melhor a vida de cada um e o que já sabem sobre diversos assuntos. A partir disto, ele poderá formular sua prática e a escolha dos conteúdos que serão relevantes para determinado grupo de estudantes. Outro ponto, é descobrir um tema em comum existente na turma, mesmo sendo composta por indivíduos de todas as idades, culturas e personalidades, a autora afirma que é possível identificar assuntos que sejam do interesse de todos. Com isso, este será o tema gerador, cujo qual será a base para o ensino ao longo do ano de forma significativa.

Neste sentido, Freire (1982) afirma que é fundamental que o educador e o educando caminhem juntos, lado a lado e que ambos tenham uma relação aberta e horizontal, pois não somente a turma irá aprender com o professor, mas o professor também irá aprender muito com a turma. Por isso é importante que o educador seja humilde, crie vínculos com sua turma e saiba ouvi-los, já que com isso, certamente tornará a prática mais sadia, positiva e produtiva.

O autor ainda completa dizendo que, além disso, o educador deve ser problematizador e promover a dialogicidade buscando sempre a compreensão crítica da realidade que os educandos fazem parte para assim aos poucos, possibilitar a formação de sujeitos autônomos, críticos e agentes transformadores.

Contudo, é essencial que o educador tenha uma filosofia progressista, e se empenhe na luta incessante em prol da democratização da sociedade. Para isso, é preciso que haja democratização da escola também e que não devemos esperar que a sociedade se democratize primeiro, é preciso que a mudança se faça presente na escola. São através das aulas que o educador deve exercer uma prática democrática, assim, como já foi dito, o professor não deve possuir uma prática verticalizada perante a turma, na qual apenas transfere o conhecimento a eles e que também leciona aulas na qual provoca a anulação da capacidade de pensar do educando,

aulas em que parecem mais com ‘cantigas de ninar’, aulas em que ‘domesticam’ os educandos (FREIRE, 1996).

Deste modo, as atividades analisadas no tópico anterior como parlendas, histórias de literatura infantil, textos com bichinhos e histórias infantis, poderiam ser substituídas por poesias e cordéis, destinados a leitores adultos. Além do mais, o educador ao entrar na sala de EJA, deve esquecer que a horas atrás estava dando aula para crianças e assim, mudar a forma de abordar o conteúdo e o seu tratamento com estes estudantes, procurando ter uma relação com respeito, amizade e nunca trata-los como se ainda fossem crianças.

Por fim, Favero e Britto (1999) resumem com propriedade o que é o método de Freire (1987), aqui defendido e que se utilizado por parte dos professores, com certeza teria resultados mais satisfatório. No grifo de Tomarozzi e Costa (2009):

As principais características do método Paulo Freire são bem conhecidas. [...] A equipe de alfabetizadores começava a investigar os meios de vida e a linguagem falada na localidade em que se realizariam os trabalhos de alfabetização. Do conhecimento assim obtido sobre a cultura e o 'universo vocabular' da população, extraíam-se as 'palavras geradoras', selecionadas sobre um duplo critério de riqueza silábica e de riqueza de 'conteúdos existenciais' para os participantes. As sessões iniciais do processo de alfabetização eram dedicadas à discussão das denominadas 'fichas de cultura' [...] durante o diálogo desenvolvido com base nestas imagens, o grupo era conduzido a refletir sobre o homem como criador de cultura, isto é, como construtor de seus modos de vida. [...] Durante as discussões, os coordenadores procuravam conduzir a reflexão do grupo para a apropriação crítica das determinações das condições de vida da população local. A busca dessa 'conscientização' era o objetivo fundamental do processo. (FAVERO E BRITO, 1999 APUD TOMAROZZI E COSTA, 2009:16)

Conclusão: Possíveis caminhos a seguir

Diante do exposto, vimos o quanto é grave a existência desta prática infantilizadora do ensino na EJA e o quanto isso influência na evasão e na dificuldade de aprendizagem. Sendo assim, um dos caminhos a seguir em busca da superação desta prática e de um maior reconhecimento desta modalidade, é colocar em prática tudo o que foi teorizado em documentos como os surgidos nas últimas CONFINTEA e principalmente, que a pedagogia de Paulo Freire se faça presente na didática e metodologia de todos os professores que trabalham na EJA e assim:

Construir uma escola para todos e ao longo da vida, onde se deva exercer a democracia, nos diálogos do dia a dia construindo e sistematizando saberes, que fortalecerá e compreenderá as diferenças nas identidades e as igualdades de direitos e no compromisso de construir uma sociedade solidária. (FURLANETTI, 2009:132).

Coexistindo todos estes aspectos, com certeza poderemos desfrutar de uma prática positiva e emancipatória, que provoque a formação integrada de todas estas pessoas e assim a sua satisfação, o espírito de bem-estar e o alcance de seus objetivos iniciais, mas, além disso, também possuem motivação para seguirem em frente e ampliarem mais ainda seus conhecimentos.

É preciso que aconteçam cursos de formação continuada para professores que já trabalhem na EJA e também para os que não trabalhem mais tenham interesse futuramente. Segundo Furlanetti (2009):

Compreendemos que a universidade no curso de graduação pode e deve incentivar os estudos e as pesquisas na formação do educador popular, partindo das experiências da EJA, de seus educadores populares, podemos formar pessoas para as escolas públicas de crianças e adolescentes tendo como referencial a educação popular. (FURLANETTI, 2009:132).

Neste sentido, devemos lutar para que os cursos de licenciatura tenham mais disciplinas que abordem todas estas especificidades existentes na EJA para que os novos professores já saiam com um perfil adequado para trabalhar nesta modalidade.

Por fim, é necessário que haja mudanças nos currículos de EJA e nas políticas públicas para que esta mudança não seja apenas local, mas sim nacional, já que esta é uma modalidade tão importante quanto a educação infantil, ensino fundamental e médio, não merecendo ter esta falta de atenção que possui. Tal como a existência dos seguintes fatores como aponta Tamarozzi e Costa (2009):

[...] o avanço da expansão nas redes públicas de ensino e a conscientização dos governos municipais e estaduais sobre a importância e a necessidade de investir na EJA; a questão da continuidade de estudos, ou seja, encarar a EJA como educação continuada para toda a vida; a necessidade de se investir na formação dos professores que assumem as classes no ensino noturno; a criação de mecanismos de acompanhamento e avaliação das classes implantadas pelos governos locais ou por iniciativa do MEC, através dos programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola. (TAMAROZZI E COSTA, 2009:21).

Somente assim a EJA terá importância social e política em prol de um mundo mais democrático, justo e igualitário, onde todos tenham condições de participar e de contribuir para a paz e a harmonia global.

Referências bibliográficas

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília : 1996.

DECLARAÇÃO DE HAMBURGO. **V Conferência internacional sobre a educação de adultos**. Brasília: SESI; UNIESCO, 1999.

DI PIERRO, M. C. Notas Sobre a Redefinição da Identidade e das Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas-SP, vol.26, n.92, p.1115-1139, Especial Outubro, 2005.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil**. Caderno Cedes, ano XXI, nº. 55, novembro/2001.

FÁVERO, M.L.A.; BRITTO, J.M. (Org.). **Dicionário de educadores no Brasil**. Rio de Janeiro; UFRJ; Brasília, DF: INEP, 1999.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 26a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURLANETTI, M. P. de F. R. **Compartilhando Experiências, dialogando com a prática da alfabetização**. 1ª Edição, Canal 6, SP, 2009.

OLIVEIRA, I. B.. **Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA**. *Educ. rev.* [online]. 2007, n.29, pp. 83-100.

OLIVEIRA, M. K. Revista Brasileira de Educação 59, **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999a.

TAMAROZZI, E. COSTA, R. P. **Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba/PR, 2 ed. IESDE Brasil AS. 2009.